

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge a partir do trabalho realizado por Souza (2012) que apresentou, possivelmente a primeira descrição e análise sobre a nomeação de lugares em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS no Brasil. Motivado por aquele, este trabalho objetiva registrar, documentar e analisar os sinais dos topônimos de 53 de um total de 75 municípios do estado de Sergipe em Libras. Organizando-os nas categorias taxionômicas, propostas por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990), espera-se proporcionar a divulgação destes signos linguísticos para as comunidades surdas e ouvintes em geral, fomentando a representividade geográfica dos usuários da Libras, já que foi constatado durante esta pesquisa, a dificuldade dos indivíduos em diferenciar conceitos geográficos básicos como: bairro, conjunto, municípios entre outros.

A nomeação de pessoas e lugares é desempenhada desde o início da humanidade. O ato de nomear parte da necessidade de identificação do acidente geográfico, e assim revela os traços culturais, sociais, religiosos e históricos de uma determinada comunidade.

O objeto deste estudo é realizar uma análise descritiva do léxico toponímico municipal sergipano, sob a perspectiva sincrônica.

Utilizaremos como autores basilares Dick (1990, 2007) para os estudos toponímicos, Stokoe, Brito, Quadros e Karnopp (1960, 1995, 2004) nos estudos linguísticos das línguas de sinais e Saussure (1957) nas compreensões da linguística.

Desde a proposta até a maturação do objeto de estudo, foram investidos aproximadamente 3 meses, de muita leitura, debate e pesquisa.

A metodologia adotada foi qualitativa e tipológica, o que propiciou a análise e descrição dos 53 topônimos. A técnica utilizada na coleta dos dados, deu-se a partir de entrevistas orais e individuais, registradas em vídeo e por aplicativo de mensagens instantâneas.

A análise dos dados coletados se dedicará à classificação dos topônimos e distribuição taxionômica dos mesmos, identificando aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos pertinentes à categoria dos nomes próprios em Libras. Na sequência, são apresentadas as conclusões finais e referências bibliográficas que foram utilizadas na realização desta pesquisa. Ao final estão dispostas as fichas lexicográfico-toponímicas dos 53 sinais analisados, em anexo.

2 TOPONÍMIA

A ciência que se dedica ao estudo à análise de nomes próprios é a Onomástica, que se ramifica em Antroponímia (estudo dos nomes próprios de pessoas) e em Toponímia (estudo dos nomes próprios de lugares). Segundo Dauzat (1934 apud DICK, 1990a, p.41), “[...] tantos os nomes de pessoas apresentam elementos metafóricos ou características topográficas como os nomes de lugares derivam de nomes individuais ou de designativos comuns.”

Os primeiros estudos toponímicos foram realizados pelo francês Auguste Longnon, em meados do século XIX. No Brasil, as pesquisas toponímicas datam do início do século XX, com cunho nacionalista em busca da decifração de denominações geográficas em línguas indígenas e/ou africanas, como fez pesquisador Theodoro Sampaio, ao publicar o livro “O Tupi na Geografia Nacional” em 1901.

Desde a década de 1970, Dick tem se dedicado às pesquisas toponímicas no Brasil por um viés linguístico. É impossível não vincular a toponímia aos processos históricos e socioculturais que fundamentam qualquer formação comunitária. A toponímia interage com diversas áreas do conhecimento, desdobrando-se em justificar os fatos culturais, a partir do léxico toponímico. Para Câmara (1997), os topônimos são de extrema importância para a historicidade das línguas que exerceram influência ou que existiram num determinado país. Quando se decide nomear um determinado espaço, costuma-se imprimir características relativas ao meio físico e/ou à cultura do denominador. Dick (1999) ressalta que

por muito tempo, os nomes próprios, por não estarem articulados com a sintaxe textual e por se destacarem, pela característica dêitica que os reveste, do ordenamento discursivo, foram considerados como uma categoria muito especial de nomes, devendo ser tratados isoladamente do chamado vocabulário comum, ainda que participando de sua natureza [...]

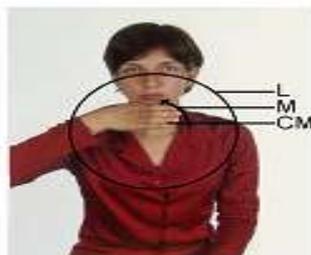
3 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Stokoe em 1960 publica a obra “The Sign Language Structure” considerada uma das primeiras investigações linguísticas a respeito da Língua de Sinais Americana – ASL, suas estruturas e registro escrito. Foi a partir deste estudo, que o bilinguismo se mostrou a filosofia educacional mais aconselhável para o ensino do surdo. A proposta do bilinguismo defende o ensino prioritário da língua de sinais e conseqüentemente a língua oral, da comunidade que ele vive, na modalidade escrita. Os benefícios do bilinguismo transcendem os limites do ambiente escolar.

Assim, a concepção bilíngue linguística e cultural luta para que o sujeito surdo tenha o direito de adquirir/aprender a Libras e que esta auxilie, não só na aquisição da segunda língua (majoritária), mas que permita sua real integração na sociedade, pois ao adquirir uma língua estruturada o surdo pode criar concepção e oportunidades, participando ativamente do convívio em seu meio. (CAPOLARI et al 2005, p.252 apud Ferreira)

Stokoe, comprova com este estudo que as línguas de sinais possuam requisitos fundamentais para fossem reconhecidas como Língua, unanimemente. Além de possuírem gramática própria, sistêmica e independente da língua oral, apresentam coerência na construção das sentenças, permitindo expressar conceitos abstratos e concretos. Analisou que o sinal era composto de três parâmetros: a configuração de mão (CM), a locação (L) e o movimento (M). Como exposto na figura abaixo:

Figura 1 – Configuração de mão em Libras



Fonte: (Os parâmetros fonológicos da LIBRAS retirado de Quadros e Karnopp 2004, p.51)

Locação – local onde o sinal é articulado;

Configuração de mão – forma que a mão assume para a realização do sinal e

Movimento – é o movimento que o indivíduo realiza para executar o sinal, admitindo nesse deslocamento várias formas e direções.

Parâmetros estes compõem a fonologia da língua de sinais e contribuíram para o reconhecimento linguístico das línguas de sinais.

Stokoe propôs o termo quirema para as unidades mínimas e para o estudo destes quiremas, quirologia.

Em 1995, Lucinda Ferreira Brito ao publicar o livro “Por uma Gramática de Língua de Sinais” apresenta os estudos linguísticos detalhados da Libras.

Em 2004, Quadros e Karnopp, publicaram o livro “Língua de Sinais Brasileira - Estudos linguísticos, que corroborou para o reconhecimento do status linguísticos da Libras. Apresentam também nesse livro, mais dois parâmetros: Orientação da mão – Or e as expressões não-manuais – ENM.

3.1 LIBRAS

As línguas de sinais surgiram espontaneamente pela necessidade do homem, inata de interagir com os demais indivíduos da comunidade, por isso, são consideradas línguas naturais. Stokoe, considerado percussor dos estudos linguísticos aplicados à Língua de Sinais Americana (ASL), constatou que as línguas de sinais possuíam gramática própria e independente das línguas orais, que não era universal, que o signo linguístico possuía a iconicidade e também a arbitrariedade e que a produção das sentenças era infinita. LIBRAS, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual, por isso apresenta uma forma diferenciada de nomear pessoas e lugares.

Libras, 2ª língua oficial do Brasil, reconhecida como tal pela lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e regulamentada por meio do decreto 5626. Devendo ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, em exercício do magistério em instituições públicas e privadas, e em cursos de fonoaudiologia.

A língua brasileira de sinais, surge naturalmente movida pela necessidade dos indivíduos surdos brasileiros de se comunicarem. Recebeu influência linguística direta da Língua de Sinais Francesa – LSF, devido à atuação do professor surdo, Ernest Huet, francês que a convite do imperador D. Pedro II, veio para o Brasil em meados do século XIX, fundar aqui a primeira escola para alunos meninos surdos.

Huet, discípulo do Abade Charles Michel de L’Epée, promovia o uso da língua gestual e concomitantemente o oralismo, para que os surdos pudessem oralizar e assim fossem considerados seres humanos.

Quando os gestos lhes faltavam, Huet solicitava que o surdo respondesse a seus questionamentos por escrito, demonstrando assim os primeiros indícios de uma educação bilíngue, para os surdos.

Foi em 26 de setembro de 1857, que fundaram o 1º Colégio Nacional para surdos-mudos, situado no Rio de Janeiro, com os pequenos avanços nas pesquisas e nas políticas de ensino, propuseram a mudança do nome para Instituto Nacional de educação de surdos (INES), que permanece até hoje.

O nome próprio de pessoas (antropônimos) pode receber influência direta da modalidade oral/auditiva, podendo ocorrer a transliteração do nome próprio através da datilologia. O mesmo pode ocorrer com os nomes próprios de lugares (topônimos). Porém, é mais frequente na nomeação de um acidente geográfico (estado, rua, município, bairro, etc.) a referência por alguma característica do *locus* – originando assim um “sinal” específico para correferenciar o local, em substituição à datilologia do nome próprio.

A Libras apresenta características singulares, na nomeação de lugares, o topônimo é formado pela união de um termo genérico e por um termo específico.

Assim, o topônimo pode ser classificado quanto à sua formação morfológica:

- a) **Topônimo simples:** quando há somente um elemento formador.
- b) **Topônimo composto:** quando há mais de um elemento formador.
- c) **Topônimo híbrido:** quando os elementos constituintes são provenientes de línguas diferentes.

A comunidade surda desenvolveu um modo peculiar de nomear pessoas e lugares, referenciando-os por características específicas de cada objeto e/ou indivíduo.

4 CARACTERÍSTICAS DO *LOCUS* E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

A colonização do território onde hoje está situado o estado de Sergipe, deu-se em 1590, depois das primeiras tentativas fracassadas. O território banhado pelo Rio Real e o Rio São Francisco, era habitado por várias tribos indígenas, dentre elas: Xocós, Aramurus, Kiriris, Tupinambás e Caetés, que resistiram bravamente às investidas dos portugueses e fazia integrava a capitania doada a Francisco Pereira Coutinho em 1534.

O Estado de Sergipe teve proclamada por um decreto de Dom João VI, sua independência em 8 de julho de 1820, desmembrando-se da província da Bahia. Destacou-se na produção açucareira, criação de gado e na produção de algodão. Segundo IBGE (2014) considerado o menor estado do país, Sergipe tem uma área total de 21.915,116 km² e uma população de aproximadamente 2.22 milhões de habitantes. Faz fronteiras com os estados de Alagoas, Bahia e com o oceano Atlântico.

Dividido em 75 municípios, que estão distribuídos em três mesorregiões: Agreste Sergipano, Leste Sergipano e Sertão Sergipano, subdividido em treze microrregiões.

Esta pesquisa tem como propósito explorar e descrever os sinais toponímicos dos municípios do estado de Sergipe. A coleta dos dados analisados, foi obtida por meio do Questionário toponímico, aplicados com os entrevistados.

Quadro 1 – Questionário da pesquisa

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Identificação do informante: • Data da coleta: • Você conhece o sinal de algum destes municípios? • Pode sinalizar? |
|--|

Fonte: Elaboração da autora (2018).

Tivemos a colaboração de 15 informantes, usuários da Libras, entre eles surdos e ouvintes; dos quais três informantes atestaram a utilização dos referidos sinais. Foram analisados 53 topônimos dos municípios do estado de Sergipe, dos 75 que compõem a unidade federativa, a saber:

Quadro 2 – *Corpus* da pesquisa

MUNICÍPIO	SINAL EM LIBRAS	DESCRIÇÃO DA MOTIVAÇÃO DO SINAL EM LIBRAS	TAXONOMIA
Amparo de São Francisco	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original com a junção de uma característica que remete ao rio que banha o município.	Hierotopônimo
Aquidabã	Sim	Sinal motivado por consoantes presentes no nome original.	Grafotopônimo
Aracaju	Sim	Sinal faz referência ao bico da Arara com a junção do caju.	Zootopônimo
Araúá	Não	N/E	N/C
Areia Branca	Sim	Sinal motivado pela camada grossa de areia, que apresenta coloração esbranquiçada.	Litotopônimo
Barra dos Coqueiros	Sim	Sinal motivado pela beleza do nascer no sol na “Ilha dos Coqueiros”, como era chamada antigamente o município da Barra dos Coqueiros.	Geomorfotopônimo
Boquim	Sim	Sinal referencia a produção agrícola que se destaca no município, o cultivo de laranjas.	Fitotopônimo
Brejo Grande	Sim	Sinal motivado pelo brejo criado por José Alves Tojal.	Geomorfotopônimo
Campo do Brito	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome original.	Grafotopônimo
Canindé de São Francisco	Sim	Sinal motivado pelo significado do nome inscrito em língua tupi, uma ave.	Zootopônimo
Capela	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Canhoba	Não	N/E	N/C
Carmópolis I	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Carmópolis II	Sim	Sinal motivado pela extração de petróleo na região.	Litotopônimo
Carira	Não	N/E	N/C
Cedro de São João	Não	N/E	N/C
Cristinápolis	Sim	Sinal pelo motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Cumbe	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Divina Pastora	Sim	Sinal motivado pela padroeira do município.	Hierotopônimo
Estância	Sim	Sinal que referencia os fogos de artifícios das festas juninas.	Ergotopônimo
Feira nova	Sim	Sinal motivado pelo nome original	Sociotopônimo

Frei Paulo	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome original.	Grafotopônimo
Graccho Cardoso	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome original.	Grafotopônimo
General Maynard	Não	N/E	N/C
Ilha das Flores	Sim	Sinal motivado pelo nome original.	Fitotopônimo
Indiaroba I	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Indiaroba II	Sim	Sinal que referencia a origem indígena do nome original.	Etnotopônimo
Itabaiana	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Itabaianinha	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Itabi	Sim	Sinal referencia a inicial do nome original e ao jegue, animal-símbolo do município.	Grafo-zootopônimo
Itaporanga D'Ajuda	Sim	Sinal que referencia o arco e a flecha dos povos indígenas que habitavam a região.	Ergotopônimo
Japaratuba	Não	N/E	N/C
Japoatã	Não	N/E	N/C
Lagarto	Sim	Sinal referencia o réptil que nomeia a cidade.	Zootopônimo
Laranjeiras	Sim	Sinal que referencia o cultivo de laranja.	Fitotopônimo
Macambira	Não	N/E	N/C
Malhada dos bois	Sim	Sinal referencia a criação de gado na região, local para onde a boiada era levada.	Zootopônimo
Malhador	Sim	Sinal motivado pela inicial pelo nome original	Grafotopônimo
Maruim	Sim	Sinal que referencia o inseto.	Zootopônimo
Monte Alegre de Sergipe	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original e relevo	Geomorfotopônimo
Moita bonita	Não	N/E	N/C
Muribeca	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Neópolis I	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Neópolis II	Sim	Sinal referencia às festividades carnavalescas tradicionais, que acontecem no município.	Sociotopônimo
Nossa Senhora Aparecida	Sim	Sinal motivado pela veneração à padroeira.	Hierotopônimo
Nossa Sr. da Glória	Sim	Sinal motivado pela veneração à padroeira.	Hierotopônimo
Nossa Senhora das Dores	Sim	Sinal que referencia a veneração à padroeira.	Hierotopônimo

Nossa senhora do socorro	Sim	Sinal que referencia um pedido de socorro.	Hierotopônimo
Nossa Senhora de Lourdes	Não	N/E	N/C
Pacatuba	Não	N/E	N/C
Pedrinhas	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Litotopônimo
Pinhão	Não	N/E	N/C
Pirambu I	Sim	Sinal referencia as tartarugas que são animais-símbolo do município, especialmente pelo Projeto TAMAR.	Zootopônimo
Pirambu II	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Poço redondo	Não	N/E	N/C
Poço verde	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome originais.	Grafotopônimo
Porto da Folha	Não	N/E	N/C
Propriá	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome original.	Grafotopônimo
Riachão do Dantas	Sim	Sinal motivado pela extensão do riacho presente na cidade.	Hidro/dimensiotopônimo
Riachuelo	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Ribeirópolis	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome original.	Grafotopônimo
Rosário do Catete I	Sim	Sinal referencia à padroeira da cidade.	Hierotopônimo
Rosário do Catete II	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Salgado	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	Grafotopônimo
Santa Rosa de Lima	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome original.	Grafotopônimo
Santana do São Francisco	Não	N/E	N/C
Santo Amaro das Brotas	Não	N/E	N/C
São Francisco	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome original.	Grafotopônimo
Simão Dias	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome original.	Grafotopônimo
Siriri	Sim	Sinal referencia o crustáceo siri.	Zootopônimo
São Domingos	Não	N/E	N/C
São Miguel de Aleixo	Não	N/E	N/C
Telha	Não	N/E	N/C
Tobias Barreto	Sim	Sinal motivado pelas iniciais do nome original.	Grafotopônimo

Tomar do Geru	Não	N/E	N/C
Umbaúba	Sim	Sinal motivado pela inicial do nome original.	GRAFOTOPÔNIMO

Infelizmente, não conseguimos sinais supracitados, devido à resistência e receio da comunidade surda, em divulgá-los. Um preconceito incutido, por pessoas medíocres, de que os “ouvintes iriam explorá-los” e que tais informações só poderiam ser repassadas a um “seleto grupo de ouvintes”. Como em toda regra, há exceções.

Comportamento este que explica a inexistência ou escassez de pesquisas de cunho lexicológico em Libras no estado de Sergipe.

Os sinais coletados foram analisados e tratados seguindo a classificação toponímica, proposta por Dick (1990), distribuindo e agrupando-os, a partir das 27 taxes, 11 delas de natureza antropocultural e 16 delas de natureza física.

É importante citar, que a classificação das nomenclaturas dos topônimos, foi realizada sob a perspectiva sincrônica, ou seja, dos nomes utilizados atualmente, descartando *a priori* a análise diacrônica dos mesmos, que seria o estudo dos nomes, desde sua origem até possíveis transformações que podem ou não ocorrer com o passar dos anos.

Apresentaremos, a seguir, as 27 taxes propostas por Dick (1990) exemplificadas, caso haja, por alguns dos topônimos analisados:

Taxes de natureza física:

- **Astrotopônimos:** topônimos que se referem a corpos celestes
- **Cardinotopônimos:** topônimos referentes às posições geográficas
- **Cromotopônimos:** topônimos relativos à escala cromática. Ex.: Poço Verde
- **Dimensiotopônimos:** topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos. Ex.: Brejo Grande
- **Fitotopônimos:** topônimos originados de nomes de vegetais. Ex.: Umbaúba
- **Geomorfotopônimos:** topônimos referentes às formas topográficas, elevações ou depressões do terreno. Ex.: Monte Alegre de Sergipe
- **Hidrotopônimos:** topônimos originados de acidentes hidrográficos. Ex.: Riachão do Dantas
- **Litotopônimos:** topônimos originados de nomes de minerais e de nomes relativos à constituição do solo. Ex.: Pedra Mole
- **Meteorotopônimos:** topônimos relativos a fenômenos atmosféricos.
- **Morfotopônimos:** topônimos relativos a sentido de forma geométrica. Ex. Poço Redondo
- **Zootopônimos:** topônimos referentes a índole animal. Ex.: Lagarto, Malhada dos Bois

Taxes de natureza antropocultural:

- **Animotopônimos ou nootopônimos:** topônimos relativos à vida psíquica e à cultura espiritual. Ex.: Divina Pastora
- **Antropotopônimos:** topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: Graccho Cardoso, Simão Dias e Tobias Barreto
- **Axiotopônimos:** são topônimos que se referem a títulos e a dignidades que acompanham os nomes próprios individuais. Ex.: General Maynard
- **Corotopônimos:** são topônimos relativos aos nomes de cidades, país, estados, regiões e continentes.

- **Cronotopônimos:** são topônimos que encerram indicadores cronológicos, como nova-novo / velha-velho. Ex.: Feira Nova
- **Ecotopônimos:** são topônimos que fazem referência às habitações de um modo geral. Ex.: Telha
- **Ergotopônimos:** são topônimos relacionados aos elementos da cultura material. Ex.: Rosário do Catete
- **Etnotopônimos:** são topônimos relativos a elementos étnicos. Ex.: Canindé de São Francisco, Muribeca
- **Dirrematotopônimos:** são topônimos constituídos por meio de frases ou enunciados linguísticos.
- **Hierotopônimos:** são topônimos relativos aos nomes sagrados de diferenças crenças, às associações religiosas; às efemeridades religiosas.
Apresentam duas subdivisões: **Hagiotopônimos:** topônimos relativos aos nomes de santos e santas do hagiológico romano. Ex.: Nossa Senhora da Glória, São Cristóvão. **Mitotopônimos:** são topônimos referentes às entidades mitológicas.
- **Historiotopônimos:** são topônimos relativos que se referem a movimentos de cunho histórico-cultural, aos seus membros ou datas correspondentes. Ex. Riachuelo
- **Hodotopônimos (Odotoônimos):** são topônimos relativos às vias de acesso rurais e urbanas.
- **Numerotopônimos:** são topônimos relativos a adjetivos numerais.
- **Poliotopônimos:** são topônimos constituídos de vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: Itabaiana.
- **Sociotopônimos:** são topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontros dos membros de uma comunidade. Ex.: Estância
- **Somatotopônimos:** são topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal.

Utilizaremos o modelo proposto por Dick (1990) para investigar as escolhas lexicais do sujeito-nomeador, a fim de descrever as motivações toponímicas, dos municípios de Sergipe. Os sinais coletados receberam uma ficha lexicográfico-toponímica, onde foram descritas características linguísticas e extralinguísticas. Foram acrescentadas a classificação e descrição dos topônimos na Língua Brasileira de Sinais e suprimidos alguns outros campos do modelo original. Os campos que permaneceram foram:

- PESQUISA: Título da pesquisa
- PESQUISADOR: Nome do pesquisador
- REVISOR: Grupo de validação
- DATA DA COLETA: dia em que o dado foi coletado
- TIPO DE FONTE: Oral – recolhido por usuários, Documental – recolhido a partir de glossários ou dicionários
- FICHA: número do registro
- TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Nome do acidente
- TOPÔNIMO EM LIBRAS: Sinal do acidente geográfico, registrado num glossário autoral.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Os topônimos coletados foram classificados e distribuídos, nas 27 taxes propostas por Dick (1990). As primeiras taxes analisadas foram as de natureza física, que são: *astrotopônimos*, *cardinotopônimos*, *cromotopônimos*, *dimensiotopônimos*, *fitotopônimos*, *geomorfotopônimos*, *hidrotopônimos*, *litotopônimos*, *meteorotopônimos*, *morfotopônimos* e *zootopônimos*.

- Os topônimos Ilha das Flores, Barra dos Coqueiros, Boquim e Laranjeiras são nomes motivados por elementos de índole vegetal, classificados por fitotopônimos;
- *Brejo Grande* e *Riachão do Dantas* foram classificados como dimensiotopônimos;
- *Monte Alegre de Sergipe* é um topônimo motivado pela topografia do município;
- *Areia Branca* e *Pedrinhas* são topônimos motivados pela índole mineral.
- *Pirambu*, *Lagarto*, *Malhada dos Bois*, *Maruim*, *Siriri* e *Aracaju* foram classificados como zootopônimos.

Nas taxes de natureza antropocultural, analisamos as seguintes taxes: *animotopônimos*, *antropotopônimos*, *corotopônimos*, *cronotopônimos*, *ergotopônimos*, *etnotopônimos*, *ectotopônimos*, *dirrematopônimos*, *hierotopônimos*, *historiotopônimos*, *hodotopônimos*, *numerotopônimos*, *poliotopônimos*, *sociotopônimos* e *somatotopônimos*.

- *Rosário do Catete* foi classificado como *ergotopônimo*;
- *Canindé de São Francisco*, *Indiaroba*, *Itaporanga D'Ajuda* foram classificados como *etnotopônimos*;
- *Feira Nova* e *Neópolis* foram identificados como *cronotopônimos*, *Estância* foi classificado como *poliotopônimos* e *Cristinápolis*, identificado como *historiotopônimos* e *Carmópolis II* foi classificado como *sociotopônimos*;
- *Amparo de São Francisco*, *Capela*, *Nossa Senhora Do Socorro*, *Nossa Senhora Aparecida*, *Nossa Senhora da Glória* e *São Cristóvão* foram classificados como *hierotopônimos*;
- *Carmópolis I*, *Cumbe*, *Aquidabã*, *Campo do Brito*, *Propriá*, *São Francisco*, *Simão Dias*, *Santa Rosa de Lima*, *Ribeirópolis*, *Salgado*, *Itabi*, *Riachuelo*, *Tobias Barreto* e *Umbaúba* foram designados *grafotopônimos*.

Percebendo a necessidade classificar alguns topônimos, Souza propôs a taxa *grafotopônimo* (graphos – escrita), devido a recorrência na motivação toponímica, na maioria dos topônimos coletados em Libras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, objetivamos a coleta, análise, classificação de 53 topônimos municipais de Sergipe, que foi realizado a contento. Apesar dos obstáculos lançados por diversas frentes, contribuímos à nossa maneira, para o registro e posteriormente divulgação dos sinais utilizados pela comunidade surda e ouvinte de Sergipe. Certamente, esta pesquisa será continuada em escalas maiores, de modo que sirva para outros pesquisadores colaborarem para o progresso do ensino-aprendizagem em Libras.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. 3. ed. v. I: sinais de A a L e v. II: sinais de M a Z. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2017.

STROBEL, K; FERNANDES, S. Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais. Curitiba: SEED/SUED/DEE. 1998.

FERREIRA-BRITO, L. Por uma Gramática de Língua de Sinais. Rio de Janeiro: Tempo

B QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. brasileiro, 1995.

Souza Júnior, José Ednilson Gomes de. Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais, 2012.